



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Narrador, personagem, tradutor: as vozes do discurso indireto livre
<b>Autor</b>	CECILIA FISCHER DIAS
<b>Orientador</b>	KARINA DE CASTILHOS LUCENA

Narrador, personagem, tradutor: as vozes do discurso indireto livre

Cecília Fischer Dias

Orientadora: Karina de Castilhos Lucena

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho parte de uma análise anterior, desenvolvida ao longo do meu trabalho de conclusão de curso, sobre o tratamento de itens que não estavam em inglês em *Disgrace*, de Coetzee, na tradução para o português brasileiro, *Desonra*, de José Rubens Siqueira (DIAS, 2018). Nessa análise, observei que havia uma tendência, em *Desonra*, ao acréscimo de explicações para esses itens (em sua maioria em discurso indireto livre). O romance é construído com essa tensão entre narrador e personagem; é difícil identificar os limites entre eles. Wood (2012) aponta para a possibilidade de desfazer essa tensão identificando estruturas ou escolhas lexicais que não poderiam ser do personagem, apenas do narrador. Isso é dificultado em *Disgrace* pela proximidade entre o personagem central, Lurie, e o narrador. Mas Wood (2012) também indica que o uso de explicações que seriam óbvias para o personagem seria um deslize no discurso indireto livre: se o personagem conhece aquilo, não precisaria explicar. A explicação, portanto, pertence ao narrador. Assim, a tensão se desfaz, e se sobressai a voz do narrador. A relação entre narrador e personagem, considerando o acréscimo, na tradução, de explicações de termos não em inglês, seria diferente em *Disgrace* e *Desonra*.

Neste trabalho, retomo a análise conduzida em 2018, com o enfoque teórico voltado, desta vez, ao aprofundamento da leitura de Wood (2012) e à leitura de Moretti (2000, 2008). O cotejo de *Disgrace* e *Desonra* traz algumas questões interessantes para o triângulo proposto por Moretti (2000) na sua compreensão do romance como conciliação entre forma estrangeira e matéria local, composto por “enredo estrangeiro, personagens locais e ainda voz narrativa local” (p. 178-179). Moretti tem em mente, como forma estrangeira, o romance produzido nos grandes centros (especialmente Inglaterra e França) e, como matéria local, o contexto a ser narrado, o contexto local, das periferias. No caso de *Disgrace* e *Desonra*, temos uma forma estrangeira aos dois e uma voz narrativa local a *Disgrace*, que, ao ser passada para outro idioma, poderia ser mantida local à narrativa ou transformada em local ao contexto de chegada.

A proposta deste trabalho, então, é um estudo de caso para observar a proposta de Moretti (2000) em relação a traduções independentes dos grandes centros. Assim, pretende-se entender o papel da tradução na conciliação abordada por Moretti (2000) a partir da observação do comportamento do discurso indireto livre ao lidar com itens que não na língua central da obra estudada.